

## O OBJETO DIRETO ANAFÓRICO DE SN: UMA ANÁLISE DA FALA DE FLORIANÓPOLIS EM DUAS SINCRONIAS<sup>1</sup>

Cecília Augusta Vieira Pinto<sup>2</sup>

Izete Lehmkuhl Coelho<sup>3</sup>

cecilia88augusta@gmail.com

izete@cce.ufsc.br

**RESUMO:** O presente trabalho objetiva descrever e analisar os fatores internos e externos que condicionam os usos variados do objeto direto anafórico de SN de terceira pessoa do discurso, com base na Teoria da Variação e Mudança (Weinreich, Labov e Herzog 2006 [1968]; Labov 2008 [1972]). O *corpus* utilizado na análise desse fenômeno é formado por 16 entrevistas de informantes nativos de Florianópolis-SC, oito delas da década de 1990 - oriundas do Banco Base do Núcleo VARSUL (Amostra 1990) - e outras oito entrevistas coletadas na década de 2010 - provenientes da Amostra Floripa, pertencente ao mesmo Núcleo de pesquisa (Amostra 2010). A variável dependente, objeto direto anafórico - realizada através de duas diferentes variantes: objeto preenchido e objeto nulo - é relacionada às variáveis independentes: (i) função sintática do constituinte retomado; (ii) traço de animacidade do constituinte retomado; (iii) especificidade do constituinte retomado; (iv) topicalização do constituinte retomado; (v) forma verbal; (vi) transitividade verbal e estrutura projetada pelo verbo; (vii) sexo dos informantes; (viii) faixa etária; (ix) escolaridade; e (x) amostra. Realizamos a presente análise e atestamos que os condicionadores mais significativos para o uso de objeto nulo são 'função sintática do constituinte retomado' e 'animacidade do constituinte retomado', para a década de 1990; e 'função sintática do constituinte retomado' e 'transitividade verbal e estrutura projetada pelo verbo', para a década de 2010. Comparando as duas amostras, observamos que informantes mais jovens usam mais frequentemente objetos nulos que informantes mais velhos nos dois períodos investigados (1990 e 2010) - um caso de mudança em curso.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sociolinguística; variação e mudança linguística; sintaxe do PB; objeto direto anafórico.

**ABSTRACT:** This study aims to describe and analyze the internal and external factors that constrain the variation in anaphoric direct object of third-person, based on Theory of Language Variation and Change (Weinreich, Labov e Herzog 2006 [1968]; Labov 2008 [1972]). The *corpus* consists of 16 interviews with speakers born and raised in Florianópolis-SC: eight interviews were collected in the 1990s and eight were collected in the 2010s. Both samples belong to VARSUL Database. The dependent variable is expressed by two variants: filled object and null object. The independent constraints investigated are: (i) syntactic function of the co-referential constituent; (ii) trace of animacity of the co-referential constituent; (iii) specificity of co-referential constituent; (iv)

<sup>1</sup> Este artigo parte de um recorte da dissertação de mestrado "Variação do objeto anafórico acusativo na fala de Florianópolis", de Cecília Augusta Vieira Pinto, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, em 2015, orientada pela professora Izete Lehmkuhl Coelho.

<sup>2</sup> Doutoranda da Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, bolsista da Capes.

<sup>3</sup> Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Professora de Língua Portuguesa da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC.

topicalization of the co-referential constituent; (v) verbal form; (vi) verbal transitivity and structure projected by the verb; (vii) sex; (viii) age; (ix) educational level; and (x) sample. We attested that the most significant factors in the variation in the 1990s are: 'educational level', 'age', 'verbal transitivity and structure projected by the verb', 'syntactic function of the co-referential constituent' and 'trace of animacy of the co-referential constituent' and the most significant factors in the variation in the 2000s are 'syntactic function of the co-referential constituent' and 'verbal transitivity and structure projected by the verb'. Comparing the two samples, we have found that the younger speakers tend to use the null NP object more often than older speakers in the two investigated periods (1990 and 2010) – a case of ongoing change.

**KEYWORDS :** Sociolinguistics; variation and linguistic change; PB syntax; anaphoric direct object.

## INTRODUÇÃO

A variação do objeto direto anafórico<sup>4</sup> vem sendo estudada em trabalhos sociolinguísticos, tanto a partir de amostras de língua falada quanto de amostras de língua escrita, de diferentes regiões do Brasil (cf. Omena 1978, Duarte 1986, 1989, Cyrino 1997, Luíze 1997, Marafoni 2004, 2010, Oliveira 2007, Pereira 2011, Costa 2011).

Com respeito aos trabalhos que descrevem o fenômeno na Região Sul, especificamente no estado de Santa Catarina, três estudos que analisaram o objeto direto anafórico em amostras de língua escrita e falada merecem destaque: (i) Pereira (2011), que focou sua análise em textos de alunos do Ensino Fundamental de escolas públicas de Florianópolis; (ii) Costa (2011), que realizou um trabalho diacrônico sobre peças de teatro de Florianópolis e de Lisboa, dos séculos XIX e XX; e (iii) Luíze (1997), que investigou 24 entrevistas de Florianópolis do banco base do Núcleo VARSUL, feitas na década de 1990. O estudo de Luíze é ponto de partida para este trabalho. A fim de ampliar essa investigação e realizar um estudo desse mesmo objeto, verificando a variação/mudança em tempo real de curta duração (comparando duas sincronias), este trabalho pretende revisitar parte da amostra de fala de 1990, analisada por Luíze, comparando-a a uma outra amostra de fala mais recente (2010).

Este trabalho, seguindo alguns postulados da Teoria da Variação e Mudança (Weinreich, Labov e Herzog 2006 [1968], Labov 2008 [1972]), busca analisar os contextos internos e externos à língua que condicionam os usos variados do objeto

---

<sup>4</sup> Por anáfora, estamos entendendo a correlação entre dois termos; um processo pelo qual um termo gramatical retoma a referência de um sintagma anteriormente citado na mesma frase ou no mesmo discurso (cf. Houaiss 2001).

direto anafórico (objeto preenchido e objeto nulo), em duas amostras de fala de informantes de Florianópolis, de diferentes faixas etárias: uma amostra correspondente à década de 1990 e outra amostra referente à década de 2010. Essa análise leva em consideração, na medida do possível, estudos em tempo aparente e em tempo real de curta duração, nos moldes do que propõem Labov (2008 [1972]) e Labov (1994).

Nosso artigo está assim organizado: na primeira seção, trazemos alguns postulados teórico-metodológicos adotados nesta pesquisa; na segunda, apresentamos a descrição e a análise dos resultados empíricos a partir das amostras investigadas. Logo após, trazemos as considerações finais e também as referências bibliográficas que nos auxiliaram neste trabalho.

## **1. ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS**

Apresentamos, primeiramente, postulados teórico-metodológicos que adotamos para guiar nossa pesquisa, seguidos de algumas hipóteses. Na sequência, trazemos a descrição do *corpus* por nós utilizado e do envelope de variação.

### **1.1 MUDANÇA EM TEMPO APARENTE E EM TEMPO REAL DE CURTA DURAÇÃO**

Com o propósito de observar o comportamento do objeto direto anafórico de SN nas duas amostras investigadas, propomos, para além do controle dos condicionadores da variável dependente, formada pelas variantes objeto preenchido e objeto nulo, dois tipos de estudo: (i) investigação da variável ‘faixa etária’ para observar se há indicativo de mudança em tempo aparente, de acordo com a hipótese clássica de Labov (2008 [1972]); e (ii) investigação em dois períodos de tempo (Amostra 1990 e Amostra 2010), para verificar se há indicativo de mudança em tempo real de curta duração, de acordo com a proposta de estudo de tendência de Labov (1994).

O controle da variável ‘faixa etária’ é fundamental para que se averigüe mudança em tempo aparente, segundo a qual diferenças linguísticas entre gerações refletem estágios diferentes do sistema linguístico. Essa hipótese prevê que grupos de

faixas etárias mais avançadas usem formas mais conservadoras e grupos de faixas etárias mais jovens introduzem formas alternantes.

Levando-se em consideração resultados de alguns estudos que tratam do objeto direto anafórico de SN (cf. Duarte 1986, 1989, Cyrino 1997, Luíze 1997, Oliveira 2007, Marafoni 2004, 2010, Pereira 2011; Costa 2011), espera-se que informantes mais velhos utilizem com mais frequência a variante objeto direto preenchido, especialmente na forma clítica, e com menos frequência a variante objeto direto nulo (a forma inovadora). O controle da variável ‘faixa etária’ permite observar, por exemplo, se informantes que tinham 50 anos em 1990 refletiam um sistema linguístico de pelo menos 35 anos atrás, isto é de 1955, momento em que o objeto nulo não era uma opção amplamente disponível no sistema do PB.

Outrossim, o controle das duas amostras aleatórias da mesma comunidade de fala florianopolitana permite recobrir aspectos que não podem ser observados através do estudo em tempo aparente, que se produzem de forma gradual em toda a comunidade linguística investigada. Esse estudo, denominado de ‘estudo de tendência’, permite comparar amostras de fala em dois momentos do tempo, estratificadas com base nos mesmos aspectos sociais. Nesse caso, espera-se que informantes da amostra de 1990 utilizem mais formas conservadoras (forma clítica) do que informantes da amostra de 2010. Estes últimos devem utilizar com mais frequência formas de objeto nulo.

Essa combinação de resultados de estudos em tempo aparente e estudos em tempo real de curta duração permitirá investigar com mais rigor o percurso da mudança em curso de um sistema de objeto expresso para objeto nulo. Se atestado esse percurso, será possível fazer uma comparação de nossos resultados com trabalhos que investigam documentos antigos escritos no Brasil no decorrer dos séculos XIX e XX, os quais atestam um sistema cada vez mais restrito de formas clíticas e cada vez mais frequente de objetos nulos.

## **1.2 O CORPUS**

O *corpus* utilizado em nossa análise é constituído de sentenças com verbos transitivos diretos (ou biargumentais) ou transitivos diretos e indiretos (ou triargumentais) que têm como complemento interno um objeto direto anafórico que

retoma um SN de terceira pessoa do discurso – esse objeto deve estar retomando algum elemento citado anteriormente pelo informante, ou algum elemento de conhecimento compartilhado, que esteja explícito no texto.

Esses dados foram extraídos de duas amostras – uma da década de 1990 e outra da década de 2010, compreendendo 16 entrevistas sociolinguísticas realizadas em zonas mais urbanas de Florianópolis, estratificadas segundo as variáveis sexo (masculino e feminino), faixa etária (menos de 50 anos e mais de 50 anos) e escolaridade (até 8 anos de escolaridade e mais de 12 anos de escolaridade), assim organizadas: (i) Amostra 1990 – formada por oito entrevistas do Banco Base do VARSUL<sup>5</sup>, da década de 1990; (ii) Amostra 2010 – formada por oito entrevistas da Amostra Floripa<sup>6</sup>, da década de 2010.

A variável dependente deste estudo é a variação da (não) realização do objeto direto anafórico de SN, de terceira pessoa do discurso, podendo se apresentar através de duas diferentes variantes:

#### **Objeto nulo:**

(1) Como que eu vou cuidar de gêmeos, sua louca? E **dois menino**, eu já tenho dois menino. Eu queria muito uma menina. Ah, dá  $\emptyset$  pra outra. Ah, vai ter alguém que vai querer  $\emptyset$  e vai dar bastante amor pra essas criança. (FEM/JOV/FUND/27)

#### **Objeto preenchido:**

(2) Só tinha **uma bicicleta** que era do meu irmão, e as meninas que moravam aqui na rua, que eram da mesma faixa etária, elas tinham **bicicleta** também. (FEM/JOV/SUP/9)

(3) Aí, **a minha mãe**, ela sofria da tireoide. Aí, ela foi, voltou pro Hospital de Caridade e operaram. Então, nessa época, era o Doutor (inint) que operou **ela**. Ela morreu da tireoide, uma operação na tireoide. (FEM/VEL/FUND/9)

---

<sup>5</sup> A amostra VARSUL, tratada aqui como Banco Base, foi formada na década de 1990, compreendendo 24 entrevistas estratificadas de acordo com as variáveis sexo, faixa etária e escolaridade.

<sup>6</sup> A Amostra Floripa pertence à agência de Santa Catarina do Núcleo VARSUL e é constituída de 39 entrevistas realizadas por alunos das disciplinas de **Sociolinguística e Dialectologia**, da Pós-Graduação em Linguística da UFSC, nos anos de 2009 e 2012. Neste trabalho, não levaremos em conta as entrevistas da Amostra Floripa que foram realizadas em 2009, apenas consideraremos as do ano de 2012 (década de 2010).

<sup>7</sup> A codificação que utilizaremos ao lado dos exemplos dos nossos dados servirá para identificar o indivíduo ao qual aquela fala pertence. Os códigos possuem os seguintes significados: MASC para masculino, FEM para feminino, JOV para menos de 50 anos de idade, VEL para mais de 50 anos de idade, FUND para até 8 anos de escolaridade, SUP para mais de 12 anos de escolaridade, 9 para década de 1990 e 2 para década de 2010.

(4) **A Taís**, eu ajudei muito. Porque ela foi pra creche pequenininha, pro berçário e os pais vieram chorando. Eu tava me aposentando, “ah, mas eu tenho tempo, deixa ela ficar comigo uns tempinho, até ela ficar maiorzinha”, danada! Ajudei alfabetizá-la, porque ela ia pro colégio Imaculada Conceição ou Coração de Jesus e ela tinha que saber muita coisa que no jardim não aprendia. (FEM/VEL/SUP/2)

Em (1), o objeto direto anafórico está representado por um objeto direto nulo que retoma o SN [dois menino]. Em (2), [bicicleta] é o objeto direto anafórico em questão e está retomando o SN [uma bicicleta], citado anteriormente no discurso. O exemplo (3) mostra o pronome reto<sup>8</sup> [ela], na função de acusativo da sentença, retomando o sintagma [a minha mãe]. Em (4), temos o **único** exemplo de pronome clítico de nosso *corpus* e ele está retomando o SN [a Taís], que já havia sido mencionado pela informante no mesmo discurso. A partir da ausência quase absoluta de clíticos nos dados de fala das duas amostras, passamos a considerar o percurso de implementação da variante inovadora, objeto nulo, nas duas amostras investigadas. Nesse caso, não conseguimos vislumbrar nenhuma trajetória de queda de clíticos.

Acreditamos que teremos, de modo geral, uma frequência balanceada de objetos preenchidos e nulos nas duas amostras, com uma tendência um pouco mais acentuada da variante objeto nulo (Duarte 1986, 1989, Cyrino 1997, Costa 2011).

A partir de resultados de estudos sociolinguísticos já realizados (Duarte 1986, 1989, Cyrino 1997, Luíze 1997, Oliveira 2007, Marafoni 2004, 2010, Pereira 2011, Costa 2011), controlamos algumas variáveis independentes intra e extralinguísticas que podem condicionar a variação da (não) realização do objeto direto anafórico, a saber: (i) função sintática do constituinte retomado; (ii) traço de animacidade do constituinte retomado; (iii) especificidade do constituinte retomado; (iv) topicalização do constituinte retomado; (v) forma verbal; (vi) transitividade verbal e estrutura projetada pelo verbo; (vii) sexo dos informantes; (viii) faixa etária; (ix) escolaridade; e (x) década da amostra.

Creemos que a variação do objeto direto anafórico está condicionada por variáveis tanto linguísticas quanto sociais. Temos a expectativa de que a ‘animacidade do constituinte retomado’, a ‘função sintática do constituinte retomado’, a ‘década da amostra’ e a ‘faixa etária dos informantes’ sejam os condicionadores mais importantes dessa variação. Essa hipótese é levantada com base em resultados

---

<sup>8</sup> Manteremos a nomenclatura “Pronome reto” para aqueles pronomes que possuem forma reta (ele(s), ela(s)), porém exercem função acusativa na sentença.

estatísticos de diferentes estudos sobre o objeto direto anafórico no PB (Duarte 1986, 1989, Cyrino 1997, Luíze 1997, Pereira 2011, Costa 2011 e Marafoni 2004, 2010).

As variáveis independentes citadas foram relacionadas à variável dependente com base no pacote estatístico do programa Goldvarb, que nos forneceu as frequências e os pesos relativos associados à variante objeto nulo.

## 2. RESULTADOS

Após a coleta de todas as sentenças com objetos diretos anafóricos de SN nas duas amostras de fala do VARSUL, foram computados 666 dados no total, sendo 302 dados de objeto nulo (45%) e 364 dados de objeto preenchido (55%). Nossa expectativa inicial era a de que teríamos uma frequência balanceada de objetos preenchidos e nulos em nossos resultados, com uma tendência um pouco mais acentuada ao objeto nulo. A frequência de objetos nulos foi alta, conforme esperávamos, mas não podemos atestar totalmente a nossa hipótese geral, considerando que tivemos um percentual maior de objetos preenchidos<sup>9</sup>, como nos exemplos que seguem:

(5) Mas, naquela época, foi a época da revolução, né, de 30. Aí, a querosene era dado pela prefeitura. Aí, o prefeito, que não era prefeito, era um intendente da Lagoa, que pegava **a querosene** e ia naqueles tonel grande e cada um ia pegar. Então tinha, cada pessoa tinha um tipo assim de um livro marcado os dias que as pessoas podiam vim buscar  $\emptyset$ . Formava aquela fila das pessoas pegar a garrafa de querosene pra usar. (FEM/VEL/FUND/2)

(6) Você tinha **moto de trilha**, então?

Tinha. Quando eu fiz... eu sempre tive. Desde pequeno assim, quando eu tinha doze, treze anos eu já tinha. Daí, quando eu fiz dezoito, a gente precisa tirar a carteira [...] Aí, vendi **ela**, tirei minha carteira, comprei uma moto. (MASC/JOV/FUND/2)

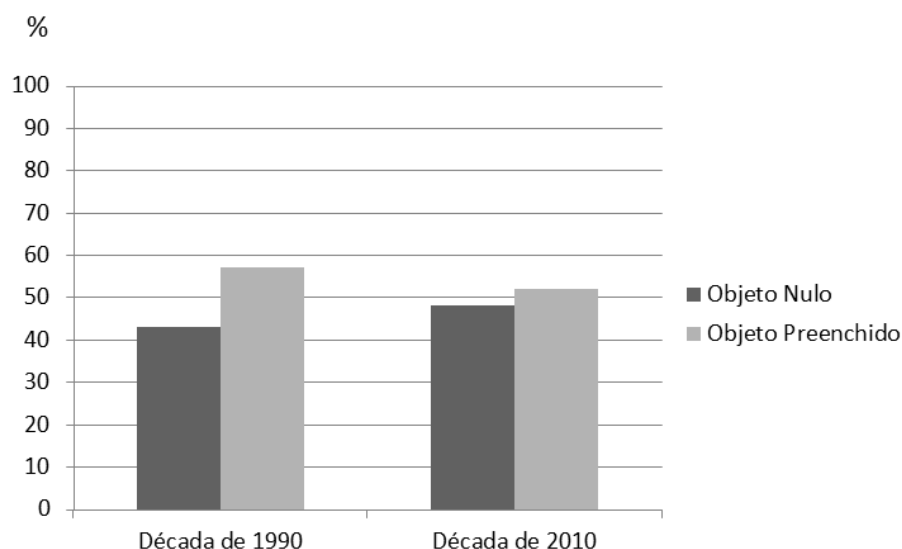
Esses dois exemplos retomam SNs citados anteriormente, em cada um dos discursos. No primeiro caso, o objeto anafórico é nulo e, no segundo, o objeto anafórico está preenchido pelo pronome reto [ela].

A distribuição dos dados por década (ou amostra) está ilustrada no gráfico, a seguir. Podemos observar dois movimentos: um leve aumento do objeto nulo de uma

---

<sup>9</sup> Vale ressaltar que estamos considerando todas as formas de realização do objeto preenchido (clítico, SN retomado e pronome tônico) *versus* o objeto nulo.

década para a outra, de 42,9% para 48,5%, e uma leve queda do objeto preenchido, de 57,1% para 51,5%.



**Gráfico 1:** Frequências das variantes objeto nulo e objeto preenchido, segundo a variável ‘década’.

Realizamos uma rodada inicial em que os dados das duas décadas estavam juntos, porém a variável ‘década da amostra’ não foi significativa para o programa estatístico. Por conta disso, passamos a separar os dados e realizamos duas rodadas diferentes: i) rodada com os dados da década de 1990; ii) rodada com os dados da década de 2010.

Para a década de 1990, o Goldvarb selecionou duas variáveis como condicionadoras do objeto nulo: ‘função sintática do constituinte retomado’ e ‘animacidade do constituinte retomado’. Já para a década de 2010, as variáveis selecionadas foram ‘função sintática do constituinte retomado’ e ‘transitividade verbal e estrutura projetada pelo verbo’.

Na tabela a seguir, observamos os resultados relativos à ‘função sintática do constituinte retomado’ das duas décadas.

Década	Década de 1990			Década de 2010		
	Apl/Total	%	PR	Apl/Total	%	PR
<b>Função sintática do constituinte retomado</b>						
Diferente da função de objeto direto	101/167	60,5%	0,68	85/150	56,7%	0,57
Igual à função de objeto direto	58/204	28,4%	0,34	58/145	40%	0,42
<b>Total:</b>	159/371	42,9%	--	143/295	48,5%	---



**Tabela 1:** Frequência de objeto nulo, segundo a variável ‘função sintática do constituinte retomado’, nas décadas de 1990 e 2010.

Essa variável foi atestada como condicionadora do objeto direto nulo no trabalho pioneiro de Omena (1978), quando a autora mostrou que havia grande frequência de antecedentes que possuíam a mesma função sintática do objeto nulo anafórico.

Nossa hipótese era, portanto, a de que, quando o objeto fosse nulo, o constituinte retomado teria preferencialmente sua mesma função sintática, ou seja, a de objeto direto.

Acreditávamos que houvesse ocorrência de objeto nulo com antecedente que tivesse função sintática diferente da de objeto direto, mas essa frequência seria menor do que a dos nulos que estivessem retomando objeto direto. Não atestamos, portanto, a nossa hipótese, considerando que a função sintática diferente tem um alto peso relativo em 1990 (0,68) e em 2010 (0,57), como podemos observar nos resultados da Tabela 1.

Essa mesma distribuição dos resultados se deu no estudo piloto que havíamos feito somente com a amostra da década de 1990. A função sintática igual à função de objeto direto teve o menor peso relativo comparado aos outros fatores (0,45). O objeto indireto foi o grande influenciador do objeto nulo, com 0,63 de PR; o sujeito teve 0,60 de PR; e, outros fatores amalgamados (vocativo, complemento nominal, adjuntos adnominal e adverbial, predicativo e oração) tiveram 0,53 de peso relativo para o objeto nulo.

No estudo de Marafoni (2004), nas duas amostras de fala, das décadas de 1980 e 2000, a função sintática igual à função do objeto direto é uma grande condicionadora da variante objeto nulo. Porém, a autora ressalta que a função sintática diferente possui um aumento do peso relativo de uma década para a outra, o que significa que o objeto nulo ganha terreno também quando seu antecedente exerce função sintática diferente da de objeto direto – o que também se observa em nossos resultados das duas décadas.

Segundo nossos resultados, parece que o uso de objeto nulo está se expandindo também para contextos em que os referentes não possuem função sintática de objeto direto. Pretendemos continuar a investigação desta variável em

trabalhos futuros com o objetivo de buscarmos respostas mais concretas para essa diferença entre os nossos resultados e os de trabalhos anteriores.

Seguem exemplos de nossa amostra:

### **Função sintática diferente da função de objeto direto**

(7) *Esse **creme** é pra comer sozinho?*

Não, não. Tu usas  $\emptyset$  pra, pra aves, comer  $\emptyset$  com galinha, né? Tu Colocas  $\emptyset$ , assim, por cima, fica bem gostoso. (FEM/JOV/FUND/9)

(8) *Era difícil eu gostar de **alguma matéria**.*

Não gostava?

É porque era difícil eu aprender  $\emptyset$ , quando eu aprendia  $\emptyset$ , eu gostava. (MAS/JOV/FUND/2)

O constituinte retomado em (7) está exercendo a função de sujeito da sentença [**esse creme**], ou seja, sua função é diferente da função de objeto direto. Em (8), o referente também é diferente de objeto direto. Trata-se, nesse caso, de um complemento relativo do verbo **gostar** [**de alguma matéria**].

### **Função sintática igual à função de objeto direto**

(9) *Eu, inclusive, comecei **engenharia mecânica**, fiz  $\emptyset$  dois anos, parei  $\emptyset$  porque aqui em Florianópolis na época não tinha engenharia civil.* (MAS/VEL/SUP/9)

(10) *Ah, essa adoção é porque eu sempre quis ter **uma filha** [...] E daí apareceu, assim, eu tinha uma pessoa que não tinha como criar  $\emptyset$  e perguntou pra mim, né?* (FEM/JOV/FUND/2)

Tanto [**engenharia mecânica**], como [**uma filha**] são constituintes retomados que exercem a função sintática de objeto direto nas duas sentenças, ou seja, exercem a mesma função do objeto anafórico que está sendo analisado neste trabalho. No primeiro caso, o constituinte retomado é objeto direto do verbo **começar** e, no segundo, objeto direto do verbo **criar**.

Vejamos agora os resultados sobre a ‘animacidade do constituinte retomado’. Essa variável se mostra como uma grande condicionadora da variação do objeto direto anafórico, levando-se em consideração os resultados de Omena (1978), Duarte

(1986; 1989), Cyrino (1997), Marafoni (2004), Pereira (2011) e Costa (2011). Acreditamos que os antecedentes [- animado] influenciarão a ocorrência de objeto nulo.

A animacidade foi selecionada apenas na década de 1990, mas trouxemos também os percentuais da década de 2010, a fim de comparação.

Década	Década de 1990			Década de 2010	
	Apl/Total	%	PR	Apl/Total	%
[+ animado]	19/52	36,5%	0,35	45/84	53,6%
[- animado]	140/319	43,9%	0,52	98/211	46,4%
<b>Total:</b>	159/371	42,9%	--	143/295	48,5%

**Tabela 2:** Frequência de objeto nulo, segundo a variável 'animacidade do constituinte retomado', nas décadas de 1990 e 2010.

Nota-se que, na década de 2010, os percentuais apontados na tabela estão muito próximos. Há um leve favorecimento ao objeto nulo quando os referentes são [+ animado] (53,6%), o que contraria nossas expectativas.

Já para a década de 1990, a tabela mostra que o objeto nulo é favorecido principalmente quando o referente é [- animado], com 0,52 de peso relativo, atestando a nossa hipótese. O traço [+ animado] influencia o preenchimento do objeto direto, com apenas 0,35 de PR para os objetos nulos, nesse caso.

Esses resultados da década de 1990 corroboram estudos anteriores. Omena (1978), por exemplo, constatou a grande influência de referentes inanimados na ocorrência de objeto nulo. Duarte (1986, 1989) atestou que o traço [- animado] favorece o objeto nulo, independentemente da estrutura sintática em que se encontra a sentença. Cyrino (1997) mostrou que, desde o século XVI, já havia objeto nulo na escrita do PB quando o antecedente era [+ específico/referencial, - animado]. Marafoni (2004) constatou que o traço [- animado] do antecedente condiciona o uso do nulo em sua amostra do ano 2000. Oliveira (2007) apontou que o uso do clítico acusativo e do pronome tônico estaria sendo condicionado pelo traço [+animado, +específico/referencial] de seu antecedente, enquanto o uso do objeto nulo e do SN anafórico estaria sendo condicionado pelo traço [-animado, +específico/referencial] de seu referente. Pereira (2011) mostrou que o objeto nulo é utilizado para se referir a antecedentes [- animado]. Por fim, Costa (2011) atestou a grande influência dos

referentes [- animado] para a ocorrência de objeto nulo nos dados do PB dos séculos XIX e XX.

Alguns exemplos de nossa amostra:

**Referente [- animado]**

(11) Queria que lesse outras coisas, já que eu gostava de ler e que lesse **alguns livrinhos**, né, **infantis**. Comprava  $\emptyset$ . (FEM/JOV/FUND/9)

O objeto nulo de [comprava  $\emptyset$ ], no exemplo (11), está retomando o SN [**alguns livrinhos infantis**] que tem o traço [- animado].

**Referente [+ animado]**

(12) Eu peguei o bonde a burro ainda. (inint) Os estudantes pegaram o **burro**, jogaram  $\emptyset$  lá dentro do mar. (MAS/VEL/FUND/9)

Nesse exemplo (12), o objeto nulo de [jogaram  $\emptyset$  lá dentro do mar] está retomando o SN [**o burro**] que tem o traço [+ animado].

Observamos a seguir os resultados estatísticos relativos à variável ‘transitividade verbal e estrutura projetada pelo verbo’. Essa variável foi selecionada como sendo importante para a ocorrência de objeto nulo na década de 2010 apenas, mas trouxemos também os percentuais da década de 1990 para podermos comparar os resultados.

Nossa hipótese para essa variável, baseada nos estudos de Duarte (1986, 1989) e Marafoni (2004), era a de que tanto estruturas mais simples de verbos com um complemento (verbos biargumentais), como estruturas de verbos com dois complementos (verbos triargumentais) teriam grande influência para a ocorrência de objeto nulo. Já as estruturas complexas teriam seus objetos mais preenchidos, preferencialmente com pronome reto.

Década	Década de 1990		Década de 2010		
	Apl/Total	%	Apl/Total	%	PR
<b>Transitividade verbal e estrutura projetada pelo verbo</b>					
Verbos com 1 complemento	139/326	42,6%	96/219	43,8%	0,45
Verbos com 2 complementos	14/36	38,9%	32/55	58,2%	0,58
Estruturas complexas	6/9	66,7%	15/21	71,4%	0,69
<b>Total:</b>	159/371	42,9%	143/295	48,5%	--

**Tabela 3:** Frequência de objeto nulo, segundo a variável 'transitividade verbal e estrutura projetada pelo verbo', nas décadas de 1990 e 2010.

O único ponto de nossa hipótese que pode ser atestado é em relação às estruturas de verbos com dois complementos na década de 2010, conforme os exemplos em (13) e (14) ilustram. O objeto nulo nesse contexto apresenta 0,58 de peso relativo, corroborando resultados de estudos anteriores.

(13) Aí, aquilo foi me deixando assim, angustiada, porque daí, quando **a menina** ia embora, o meu marido e os meus filho ficavam chorando e eu também. Daí, ela saía final de semana com nós, a gente **botava ø no carro, botava ø na cadeirinha**, levava carro, abria carro, como se fosse nossa. Sabe assim? (FEM/JOV/FUND/2)

(14) Ah, a gente tinha mania de fazer **morcego e pendurar ø no fio**, jogar no fio, pra assustar as mulheres. (FEM/JOV/SUP/2)

Nos dois exemplos acima, os objetos diretos nulos estão inseridos em estruturas de verbos triargumentais, ou seja, verbos de três lugares. Em (13), os dois verbos **botar** pedem objeto direto – que neste caso são nulos -, além dos complementos circunstanciais [no carro] e [na cadeirinha]. Em (14), o verbo **pendurar** projeta dois complementos, ‘o que é pendurado’ e ‘onde esse “o que” é pendurado’. Neste exemplo, o primeiro complemento está representado pelo objeto direto nulo e o segundo complemento, por [no fio].

Sobre as estruturas de verbos com um complemento (ou verbos biargumentais), não esperávamos que a ocorrência de objeto nulo tivesse o menor peso relativo (0,45) dos três fatores, na década de 2010 (em 1990, seu percentual foi o segundo menor, em 42,6%). Pensávamos, na verdade, que essas estruturas fossem as grandes influenciadoras do objeto nulo, conforme atestaram os trabalhos de Duarte (1986; 1989) e Marafoni (2004).

Seguem exemplos de nosso *corpus* com estruturas de verbos de um complemento:

(15) Porque eu, na época, trabalhava na receita federal. E a gente tinha, eu no caso, fazia parte da **associação do ministério da fazenda**, que era lá na Lagoa, não sei se vocês **conhece ø**, chama-se ACEFAZ. (MAS/VEL/FUND/2)

(16) Gosta de ir ao cinema?

**A minha mulher** gosta muito, mas eu **acompanho ø**. (MAS/VEL/SUP/9)

Os verbos **conhecer** e **acompanhar** são biargumentais, projetando apenas um complemento: um objeto direto. No caso do primeiro exemplo, o objeto direto é

um nulo que está retomando o SN [**associação do ministério da fazenda**]. No segundo exemplo, o objeto direto anafórico também é nulo e está retomando o SN [**a minha mulher**].

Em relação às estruturas complexas, imaginávamos que fossem as menos condicionadoras da variante objeto nulo, seguindo as hipóteses das autoras, mas os índices mostraram o contrário: essas estruturas influenciam o uso de objeto nulo em 0,69 de peso relativo em 2010 e percentual de 66,7% em 1990. Os exemplos de nosso *corpus* estão a seguir:

(17) Não gostava de **livro de história infantil**. Sempre **achava ø muito tolo**. (FEM/JOV/FUND/9)

(18) Sabe como é que são **esses funcionários**, né, gente? Essa, essa qualidade, são pessoas que não estudaram muito, então tem que **ensinar ø a falar, ensinar ø a atender às pessoas, ensinar ø a ser educado**, tudo isso ele faz. (FEM/VEL/SUP/2)

Esses dois casos tratam de estruturas complexas. Em (17), o verbo **achar** é complementado pelo objeto nulo, seguido pelo predicativo do objeto [muito tolo]. Em (18), os verbos **ensinar** pedem os complementos ‘quem é ensinado’ (objeto direto nulo) e ‘o que é ensinado’ (neste caso representado por complementos relativos oracionais).

Creemos que o resultado das estruturas complexas tenha sido influenciado por termos retirado da rodada estatística os seis seguintes dados, em que o verbo era transitivo direto e o objeto retomava um SN simples, seguido de gerúndio ou infinitivo:

(19) Queria falar igual ao **Pato Donald**. Queria **imitar ele falando**, mas não dava certo. (FEM/JOV/FUND/9)

(20) E daí a minha mãe falava assim: “não, mas **a tua vó** fez coisas incríveis” assim, porque a minha mãe **viu ela curando uma série de coisas, viu ela fazendo uma série de coisas**. (MAS/JOV/SUP/2)

(21) E daí, **o pessoal ali do Monte Cristo, Chico Mendes**, eles vêm pra essa nossa praia aqui, que essas nossas praias hoje são nossa paisagem.

Só pra admirar.

É, admirar o pôr do sol. E eles não. Verão, eles já vêm de manhã, passam grande parte do dia ali e voltam à noite. Então, se tu for comprar pão, dependendo do

horário, tu **vê eles, ou indo ou voltando** né, então é um fluxo dessas pessoas.  
(MAS/JOV/SUP/2)

(22) **A Taís**, eu ajudei muito, porque ela foi pra creche pequenininha, pro berçário. E os pais vieram chorando. Eu tava me aposentando, “ah mas eu tenho tempo, **deixa ela ficar comigo uns tempinho**, até ela ficar maiorzinha”, danada!  
(FEM/VEL/SUP/2)

(23) Só o meu tio tem **quatorze filhos**, hoje. Tu Imaginas! Então, na época, eram muito pequeninhos ou nem existiam alguns, né? Então, só a minha mãe que teve **quatro**. Então, **imagina isso tudo passando as férias na casa do avô!**  
(FEM/JOV/FUND/9)

Preferimos retirá-los de nossa investigação, pois esses dados eram os únicos que se mostraram categoricamente preenchidos, ficando ‘estranha’<sup>10</sup> a covariação com o objeto nulo, indo na contramão dos nossos critérios de seleção das ocorrências para este trabalho. Já as autoras que nos serviram de base, pelo que pudemos perceber, preferiram considerar dados desse tipo em suas análises.

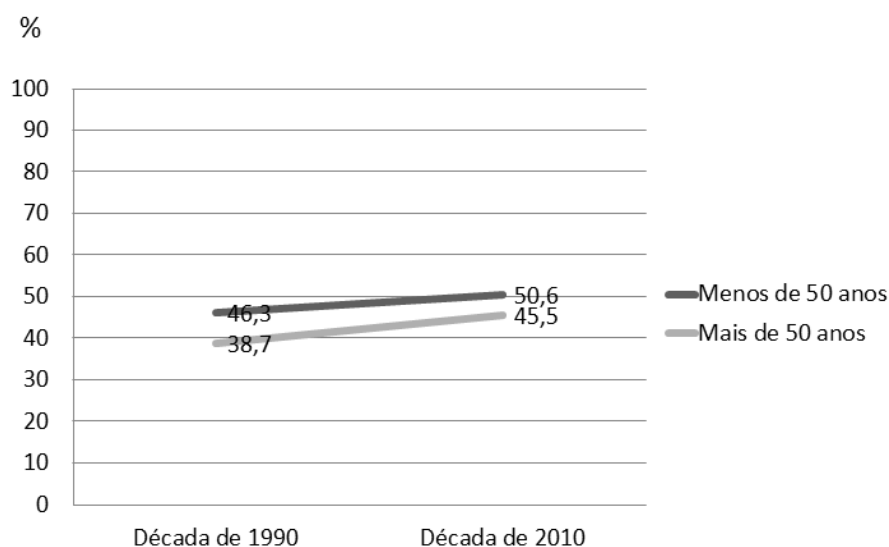
Se esses seis dados tivessem sido computados em nosso trabalho, o percentual de estruturas complexas com objeto nulo cairia para 55,5% e, junto com ele, talvez também o peso relativo caísse. Quem sabe também seja por conta desses dados que ocorreu o resultado inesperado relacionado às estruturas com apenas um complemento verbal. Entretanto, acreditamos que essa hipótese precisa ser revista. Cremos que os resultados estatísticos ficariam mais confiáveis se realmente não fossem considerados dados desse tipo, em que há uma sobreposição de funções sintáticas atribuídas ao objeto (ao mesmo tempo em que são objetos diretos, são sujeitos das orações que seguem no gerúndio ou infinitivo). Gostaríamos de voltar a investigar essa variável no futuro, a fim de buscarmos respostas mais concretas a essas dúvidas.

Embora as variáveis ‘faixa etária dos informantes’ e ‘década da amostra’ não tenham sido selecionadas pelo programa estatístico como condicionadoras do objeto nulo, traremos os resultados dessa análise para discussão. Observamos os resultados

---

<sup>10</sup> Em alguns momentos, tivemos dúvidas se certos dados poderiam covariar com a variante objeto nulo. Para considerarmos esses dados com mais segurança, aplicamos testes de atitude com falantes do PB e, somente a partir da avaliação positiva desses falantes é que passamos a levar em conta esses dados que por nós eram duvidosos.

do gráfico, a seguir, considerando o cruzamento dessas variáveis, em termos percentuais:



**Gráfico 2:** Frequências de objeto nulo, segundo o cruzamento entre as variáveis ‘faixa etária dos informantes’ e ‘década da amostra’.

Considerando os estudos que mostram uma queda do clítico e um aumento do objeto nulo ao longo dos séculos XIX e XX, acreditávamos que os resultados pudessem apontar mudança em tempo real de curta duração, comparando a Amostra 1990 com a Amostra 2010. Tínhamos a expectativa de encontrar, nesse pouco intervalo de tempo (1990 para 2010), um aumento dos usos do objeto nulo. Os resultados apontados no Gráfico 2 atestam esse percurso. Independentemente de faixa etária, os índices de objeto nulo aumentam de uma década para a outra.

Considerando o tempo/geracional, segundo o qual o comportamento linguístico de cada geração de falantes reflete um estágio da língua, esperávamos que os resultados apontassem mudança em tempo aparente em cada uma das amostras, comparando o uso dos objetos diretos anafóricos entre falantes mais velhos e mais jovens da Amostra 1990 e da Amostra 2010. Nossa expectativa era a de que os informantes mais velhos usassem uma frequência mais significativa de objeto preenchido e os informantes mais jovens usassem mais objetos nulos. Novamente, os índices apontados no Gráfico 2 atestam a nossa hipótese, revelando, em cada uma das décadas, uma sutil diferença entre as faixas etárias, com uma maior frequência de objetos nulos na fala dos mais jovens.



Percebemos, portanto, que os objetos nulos de SN estão se implementando, de forma gradual, na fala dos informantes de Florianópolis com o tempo. É possível verificar um leve aumento de objeto nulo nas duas faixas etárias de uma década para a outra (com a leitura horizontal do gráfico). Além disso, é possível perceber um aumento da variante entre as faixas etárias, com os jovens das duas décadas utilizando um pouco mais objeto nulo de SN do que os mais velhos (com a leitura vertical do gráfico).

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste estudo, analisamos os fatores internos e externos à língua que condicionam os usos variados do objeto direto anafórico de terceira pessoa do discurso (objeto preenchido e objeto nulo), em duas amostras de fala de Florianópolis de diferentes décadas – décadas de 1990 e 2010.

Nas duas amostras controladas, foram coletadas 666 ocorrências no total, sendo que 302 dados eram de objeto nulo (45%) e 364 eram dados de objeto preenchido (55%). Observando apenas esses resultados gerais, seria possível dizer que nossa hipótese de que haveria uma tendência um pouco mais acentuada para a variante inovadora, o objeto nulo, não é atestada.

Considerando, entretanto, as duas amostras em separado, os resultados percentuais ficam mais claros, apontando algumas tendências de uso preferencial do objeto nulo. As variáveis mais importantes relacionadas ao objeto nulo para a amostra da década de 1990, segundo o programa estatístico, foram a ‘função sintática do constituinte retomado’ e a ‘animacidade do constituinte retomado’. Já para a amostra de 2010, foram selecionadas a ‘função sintática do constituinte retomado’ e a ‘transitividade verbal e estrutura projetada pelo verbo’. O objeto nulo de SN de nosso *corpus* ocorreu mais quando estava em uma estrutura complexa, quando seu referente tinha função sintática diferente da de objeto direto e possuía o traço [-animado].

Constatamos ainda, através dos resultados estatísticos, realizando cruzamentos entre as variáveis ‘faixa etária dos informantes’ e ‘década da amostra’, dois indícios de mudança em curso: mudança em tempo real de curta duração, comparando os dados das duas décadas investigadas (através do estudo de

tendência); e mudança em tempo aparente, confrontando as faixas etárias de cada uma das amostras. De uma década para a outra, percebemos um leve aumento de objetos nulos. Além disso, observamos também que, em cada uma das duas sincronias, os indivíduos com menos de 50 anos se utilizaram um pouco mais do objeto nulo do que os informantes mais velhos. Esses resultados combinados atestam a implementação, mesmo que lenta, da variante objeto direto anafórico nulo de SN na fala dos informantes de Florianópolis do *corpus* investigado.

#### REFERÊNCIAS

- COSTA, S. *O (não) preenchimento do objeto anafórico na língua portuguesa: análise diacrônica do PB e do PE dos séculos XIX e XX*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.
- CYRINO, S. M. L. *O objeto nulo no Português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*. Londrina: Ed. da UEL, 1997.
- DUARTE, M. E. L. *Variação e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1986.
- \_\_\_\_\_. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no Português do Brasil. In.: TARALLO, F. (org.). *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas-SP: Pontes, 1989.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre; Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- \_\_\_\_\_. *Principles of linguistic change – Internal factors*. Cambridge: B. Blackwell, 1994.
- LUIZE, T. B. *Entre o português europeu e o português brasileiro: o falar açoriano de Florianópolis*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.
- MARAFONI, R. L. *A realização do objeto direto anafórico: um estudo em tempo real de curta duração*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

- OLIVEIRA, S. M. Objeto direto nulo, pronome tônico de 3ª pessoa, SN anafórico e clítico acusativo no português brasileiro: uma análise de textos escolares. In.: *Revista virtual de Estudos de Linguagem – ReVEL*. Vol. 5 – número 9 – agosto de 2007.
- OMENA, N. P. *Pronome pessoal de terceira pessoa: suas formas variantes em função acusativa*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1978.
- PAIVA, M. da C. de; DUARTE, M. E. L. *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.
- \_\_\_\_\_. Quarenta anos depois: a herança de um programa na sociolinguística brasileira. Posfácio In.: WEINREICH, U; LABOV, W; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- PEREIRA, I. *O uso variado das formas anafóricas no acusativo*. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.
- VIEIRA PINTO, C. A. *Variação do objeto anafórico acusativo na fala de Florianópolis*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.
- WEINREICH, U; LABOV, W; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].